

CULTURA OCÊANICA: APRENDER PARA CUIDAR - APRENDENDO COM O MARTELINHO

**Estudante(s): Larissa Gasparino de Moraes (larissagasparinodemorais@gmail.com),
Luiz Felipe Marim Pereira (luizfelipemp2013@gmail.com), Rafael Palmenzone Coelho
(rafapcoelho011@gmail.com)**

Orientador(es): Cíntia da Silva Vaz (cintia.vaz@educacao.mg.gov.br)

Escola: Escola Municipal Professor Doutor Otávio Batista Coelho Filho

Resumo

O projeto tem como objetivo conscientizar crianças sobre a importância da cultura oceânica desde cedo, utilizando atividades lúdicas como palestras, músicas, paródias e jogos. A proposta busca tornar o aprendizado divertido, reforçando a ideia de que cuidar do oceano é essencial para a vida no planeta. Acreditamos que, ao aprenderem desde a infância, as crianças desenvolverão hábitos e atitudes mais responsáveis, evitando no futuro os erros que hoje comprometem a biodiversidade marinha. Para sensibilizar e engajar os alunos, o projeto contará com um mascote simbólico — o tubarão-martelo —, que ajudará a despertar empatia pelas espécies em risco de extinção. Essa iniciativa se inspira em projetos já existentes, como o *Escola Azul*, que demonstraram o impacto positivo da educação oceânica no desenvolvimento de valores ambientais. As atividades serão realizadas na escola, com turmas do 1º ao 5º ano, e têm como expectativa principal promover mudanças de comportamento, formando uma geração mais consciente e comprometida com a preservação do oceano e da vida marinha. Assim, o trabalho pretende contribuir não apenas para a comunidade escolar, mas para a sociedade como um todo, mostrando que a preservação do oceano é fundamental para o futuro da Terra.

Palavras-chave: cultura oceânica, educação ambiental, preservação marinha, infância, sustentabilidade

Introdução e justificativa

O oceano cobre mais de 70% da superfície da Terra e é essencial para o equilíbrio climático, a manutenção da vida e a qualidade de vida humana. No entanto, a poluição, a pesca

predatória e a exploração excessiva têm colocado em risco inúmeras espécies marinhas, além de comprometerem a saúde ambiental global.

Diante desse cenário, a educação ambiental surge como ferramenta fundamental para despertar consciência crítica e formar cidadãos comprometidos com a sustentabilidade. Trabalhar a cultura oceânica desde a infância é uma forma de construir bases sólidas para que as próximas gerações compreendam a importância de proteger os mares.

Nosso projeto parte da premissa de que as crianças, quando sensibilizadas desde cedo, tornam-se multiplicadoras de conhecimento, podendo influenciar suas famílias e comunidades. A escolha do tema também se justifica pela inspiração em experiências já realizadas, como o projeto *Escola Azul*, que em diversas regiões do Brasil incentivou práticas de cuidado e valorização dos oceanos, comprovando que iniciativas educacionais têm grande potencial de transformação social.

Assim, propomos atividades lúdicas e interativas que tornem o aprendizado divertido e marcante, utilizando recursos como palestras, paródias musicais e a figura de um mascote (tubarão-martelo) para aproximar as crianças da realidade marinha e estimular atitudes de preservação.

Objetivos

Geral

Promover a conscientização sobre a importância da cultura oceânica entre crianças do ensino fundamental, incentivando hábitos de preservação ambiental de forma lúdica e educativa.

Específicos

- Desenvolver atividades de palestras, músicas e paródias para apresentar a importância do oceano.
- Estimular a empatia pelas espécies marinhas em risco de extinção.
- Inspirar mudanças de comportamento e hábitos cotidianos que contribuam para a preservação ambiental.

☐ Incentivar a multiplicação do conhecimento adquirido, estimulando as crianças a levarem as práticas aprendidas para suas famílias e comunidade.

Metodologia

O projeto, ainda em fase de execução está sendo desenvolvido em formato de oficinas pedagógicas, aplicadas diretamente nas turmas do 1º ao 5º ano do ensino fundamental. A escolha desse público se justifica pelo fato de que as crianças em período de alfabetização e consolidação da leitura e escrita são mais receptivas a aprendizagens lúdicas e visuais, além de estarem em uma etapa crucial de formação de valores. Trabalhar a cultura oceânica nesse período aumenta as chances de internalização dos conceitos e de transformação em hábitos cotidianos.

As oficinas terão duração média de 50 minutos cada e serão organizadas em blocos temáticos, de modo que cada turma vivencie diferentes experiências educativas:

Abertura com palestra interativa – breve apresentação sobre a importância do oceano, sua biodiversidade e os riscos ambientais, adaptada ao nível de compreensão das crianças. Serão utilizados vídeos curtos e imagens ilustrativas para prender a atenção.

Uso do mascote “Tubarão-Martelo” – escolhido por ser uma espécie carismática e ao mesmo tempo ameaçada de extinção. O tubarão-martelo aproxima as crianças da realidade da conservação, permitindo que associem um personagem simpático ao valor da preservação. Além disso, o formato peculiar da cabeça do animal facilita a memorização e desperta curiosidade científica. O mascote será apresentado em cartazes, fantoches e desenhos para colorir.

Atividades lúdicas – os alunos serão divididos em pequenos grupos e participarão de jogos educativos relacionados ao oceano:

Jogos de tabuleiro: criados com trilhas temáticas sobre animais marinhos, poluição e atitudes corretas de preservação.

Ilustrações para colorir: desenhos de diferentes espécies marinhas, incluindo o tubarão-martelo, para reforçar visualmente o tema.

Sete erros: atividades de observação em imagens do oceano, contrastando cenas poluídas e preservadas, incentivando a percepção crítica.

Quebra-cabeças: montagem de figuras de animais marinhos, estimulando cooperação e conhecimento da fauna oceânica.

Produção coletiva – ao final, cada turma construirá um mural com frases de impacto, cartazes e desenhos feitos pelas próprias crianças, consolidando os aprendizados das oficinas.

Recursos utilizados: projetor multimídia, aparelho de som, cartazes, jogos impressos, lápis de cor, papel cartão, fantoches e materiais de desenho.

Resultados e Discussão

O projeto encontra-se em execução e, até o momento, os resultados são de caráter preliminar e qualitativo. As observações registradas nas oficinas iniciais, o diálogo com a equipe escolar e as produções das turmas indicam um conjunto de sinais promissores sobre o acolhimento, o engajamento e o potencial de multiplicação das ações propostas.

Acolhimento institucional e adesão da equipe escolar

Desde o início, houve disponibilidade da direção e das equipes pedagógicas em facilitar a execução das oficinas: cessão de espaço, flexibilização de horários e colaboração na mobilização das turmas. Professores e coordenadores demonstraram interesse em integrar partes das atividades ao planejamento pedagógico, oferecendo suporte logístico e acompanhamento em sala, um indicador importante de viabilidade e de possibilidade de continuidade e replicação do projeto dentro da escola.

Engajamento e curiosidade das crianças

As crianças manifestaram curiosidade intensa sobre os temas apresentados. Observou-se que, durante as exposições e dinâmicas, os alunos faziam perguntas relevantes (sobre espécies, poluição e medidas de proteção), buscavam exemplos práticos e, em diversos casos, procuraram informação complementar fora da oficina (por exemplo, mencionando vídeos e documentários que já haviam assistido). A participação nas atividades lúdicas foi ativa: grupos colaboraram na montagem de quebra-cabeças, participaram das dinâmicas dos jogos de tabuleiro e competiram de forma saudável nas atividades de “7 erros”, o que facilitou a fixação de conceitos.

Saberes prévios e mediação do conteúdo

Uma constatação recorrente foi que muitos alunos já possuíam conhecimentos prévios sobre a vida marinha, poluição e conservação, frequentemente citando documentários e vídeos do YouTube como fonte. Esse conhecimento prévio funcionou como ponto de partida produtivo: ao invés de reduzir a participação, ele foi complementado pelas oficinas, que

proporcionaram enquadramento crítico e atividades práticas. No entanto, também ficou evidente a necessidade de trabalhar alfabetização midiática (como avaliar a confiabilidade de vídeos) para evitar a reprodução de informações imprecisas. Em suma, os vídeos e documentários aumentam o interesse, mas a mediação docente é essencial para transformar curiosidade em conhecimento científico e atitudes responsáveis.

Impacto das atividades lúdicas e do mascote

As atividades específicas, como os jogos de tabuleiro, ilustrações para colorir, “7 erros” e quebra-cabeças, mostraram potencial para desenvolver diferentes habilidades:

Jogos de tabuleiro: favoreceram o raciocínio sequencial, tomada de decisão e discussão em grupo sobre consequências de ações humanas (ex.: descarte de lixo).

Ilustrações para colorir: aproximaram os alunos do reconhecimento taxonômico e estimularam expressão artística ligada ao conteúdo.

“7 erros”: aprimoraram a observação crítica e a distinção entre ambientes preservados e degradados.

Quebra-cabeças: estimularam cooperação, coordenação motora e familiarização com a morfologia das espécies (incluindo o tubarão-martelo).

O mascote tubarão-martelo facilitou a criação de vínculo afetivo: as crianças referiam-se a ele nas produções, usaram sua imagem em cartazes e fantoches, e associaram a figura ao conceito de conservação. Assim, o mascote funcionou como ponte entre afetividade e informação, tornando o tema mais memorável.

Participação ativa apesar do conhecimento prévio

Embora muitos alunos já conhecessem parte do conteúdo por meio de vídeos, a participação nas oficinas foi efetivamente ativa: trouxeram relatos pessoais, compartilharam observações, criaram paródias e produziram cartazes. Isso demonstra que o projeto não apenas repete informações pré-existentes, mas oferece oportunidades para apropriação crítica e produção coletiva de sentido.

Desafios identificados e ajustes necessários

Entre as limitações detectadas até o momento estão: o tempo limitado por oficina frente ao volume de atividades planejadas; necessidade de materiais adicionais para manter todas as turmas simultaneamente ativas; e a variabilidade no nível de conhecimento entre turmas que exige diferenciação pedagógica. Para mitigar esses pontos, propomos: escalonar oficinas em

ciclos menores, preparar kits de atividades padronizados e inserir momentos de formação curta para professores, para fortalecer a mediação.

Avaliação e etapas seguintes

Como parte da continuidade, está sendo planejada uma avaliação sistemática que combine métodos qualitativos e quantitativos:

- registros observacionais estruturados (fichas de engajamento);
- coleta de produções artísticas e portfólios das turmas;
- pequenos questionários pré/pós (adaptados por faixa etária) para mapear mudanças de conhecimento e atitudes;
- entrevistas semiestruturadas com os professores para colher feedback sobre integração curricular.

Esses instrumentos permitirão transformar as observações atuais em evidências mensuráveis sobre o impacto do projeto.

Conclusões

O desenvolvimento do projeto evidencia que a **educação para a cultura oceânica** pode ser trabalhada de maneira eficaz no espaço escolar quando articulada a estratégias lúdicas e afetivas. A escolha do público do 1º ao 5º ano mostrou-se acertada, pois as crianças demonstraram alto nível de engajamento, curiosidade e disposição em participar ativamente das oficinas. O apoio da equipe pedagógica e a abertura da escola para a realização das atividades reforçam o potencial de continuidade e de incorporação desse tipo de ação ao cotidiano escolar.

A utilização do **tubarão-martelo como mascote** revelou-se uma estratégia eficiente para despertar empatia e fixar o tema da preservação marinha, aproximando o conteúdo científico do universo infantil. Da mesma forma, as atividades práticas — jogos de tabuleiro, ilustrações, desafios de sete erros e quebra-cabeças — contribuíram para transformar a aprendizagem em uma experiência significativa, favorecendo a construção coletiva do conhecimento. Embora o trabalho ainda esteja em andamento, já é possível perceber impactos positivos: estudantes que compartilham informações com colegas e familiares, professores que enxergam a relevância de integrar o tema ao currículo e uma comunidade escolar mais sensível às questões ambientais. A experiência aponta, portanto, para a possibilidade de replicação e ampliação do projeto, servindo como modelo de ação educativa voltada à preservação dos oceanos.



Referências

Vieira, Anna Julia Silva; Silva, Ilna Gomes da; Sá-Silva, Jackson Ronie; Silva, Adilson Luís Pereira. “Educação Ambiental, Sustentabilidade e Ensino de Ciências por Investigação: uma revisão de literatura”. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação (REASE)*, v. 11, n. 6, 2022.

Xavier, Antônio Roberto; Lemos, Ana Beatriz da Silva; Batista, Cristiano da Silva; Amorim, Aiala Vieira; Martins, Elcimar Simão; Muniz, Karla Renata de Aguiar; Lemos, Pedro Bruno Silva; Vasconcelos, José Gerardo. “Educação ambiental e BNCC: a abordagem da temática no documento normativo”. *Revista de Gestão e Secretariado*, v. 15, n. 1, 2024.

Silberio da Silva, Norma Nancy Emanuelle; Tauceda, Karen Cavalcanti. “Tecendo considerações teórico-metodológicas para uma Educação Ambiental Crítica, Transformadora e Significativa”. *RSD – Research, Society and Development*, v. 11, n. 6, 2022.

UFSC, Júlia Pereira Steffen Muniz. “Design para crianças: kit de educação ambiental interdisciplinar sobre perda da biodiversidade para uso escolar”. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação), UFSC. Aborda desenvolvimento de kit educativo para crianças muito jovens (5-6 anos), com fases